



FALANGE MIÚDA
REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

A Cartografia Surda dos Bares de Macapá: um estudo sobre Topônimos em Libras

Fernando Fernandes¹

Universidade do Estado do Amapá - UEAP

RESUMO

Este artigo analisa os processos de criação lexical de topônimos em Libras, a partir de um estudo de caso focado em sinais-nome de bares na cidade de Macapá-AP. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, utiliza a netnografia para analisar um *corpus* de vídeo de uma interação social espontânea, aplicando um roteiro de análise fonológica e de motivação semântica com base nos modelos taxonômicos de Dick (1990) e Souza-Júnior (2012). Os resultados sugerem, neste recorte amostral, uma tendência ao uso de motivações icônicas e socioculturais em detrimento dos empréstimos do português. Contudo, nota-se a presença de calques, como nos casos de tradução (Cupido, Urso, Moonlight), o que indica que a língua portuguesa exerce influência na motivação, ainda que a forma do sinal busque recursos visuais da Libras. Conclui-se que a comunidade surda de Macapá constrói ativamente uma "cartografia surda" da cidade, resignificando o espaço urbano a partir de sua própria experiência visual e cultural. O estudo contribui para a documentação para a compreensão da toponímia como um ato de afirmação identitária.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia; Libras; Cartografia surda; Macapá.

Deaf Cartography of Bars in Macapá: A Study on Toponyms in Brazilian Sign Language (Libras)

ABSTRACT

This article analyzes the lexical creation processes of toponyms in Brazilian Sign Language (Libras), through a case study focused on sign-names for bars in the city of Macapá, Amapá. Employing a qualitative and descriptive approach, this research uses netnography to analyze a video corpus of a spontaneous social interaction, applying a framework for phonological analysis and semantic motivation based on the taxonomic models of Dick (1990) and Souza-Júnior (2012). Within this sample, the results suggest a tendency toward iconic and sociocultural motivations over Portuguese loanwords. However, the presence of calques is noted, particularly in translation cases (e.g., Cupido, Urso, Moonlight), indicating that the Portuguese language exerts influence on motivation, even though the sign form relies on the visual resources of Libras. It is concluded that the Macapá Deaf community actively constructs a "Deaf cartography" of the city, resignifying the urban space based on its own visual and cultural experience. This study contributes to the documentation of the field and to the understanding of toponymy as an act of identity affirmation.

Keywords: Onomastics; Toponymy; Brazilian Sign Language; Deaf Cartography; Macapá.

¹ Doutor em Linguística, pela Universidade de Évora (UÉvora) (Rec. Universidade Federal de Goiás), Professor Adjunto II na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) em Macapá - AP, Brasil. Avenida Presidente Vargas, 650 Macapá, Amapá, Brasil, CEP:68900-970. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4270-1692>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5079522757656750>. E-mail: nandofernandesffs@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida desta pesquisa é uma cena de sociabilidade cotidiana: em uma mesa de bar na cidade de Macapá, um grupo de surdos conversam animadamente com um colega ouvinte sobre as descrições dos bares que frequentam. O diálogo informal e espontâneo revela um fenômeno linguístico e cultural na Libras: a criação de seus topônimos, que são construções viso-espaciais que carregam em si a percepção e a experiência da comunidade surda sobre seu próprio território.

Diferente da nominalização em línguas orais, os sinais-nome de lugares em Libras nascem na interação e circulam na memória coletiva, os quais formam uma espécie de “cartografia surda” da cidade, isto é, um mapa mental afetivo e funcional compartilhado pelos membros da comunidade. Por sua natureza interacional e pela ausência de registros formais, esse léxico corre o risco de apagamento, permanecendo invisível para os estudos linguísticos e para a sociedade, o que representaria uma perda linguística e o silenciamento de uma forma particular de se relacionar e significar o espaço urbano.

Diante disso, a pesquisa objetiva responder às problemáticas: como a comunidade surda de Macapá nomeia e significa os espaços de sociabilidade urbana na Libras? E quais os processos linguísticos e culturais estão envolvidos nessa nomeação? Para isso, o estudo realizou-se por análise qualitativa e descritiva de um *corpus* de vídeo coletado online, utilizando três eixos teóricos interligados: estudos da onomástica em Línguas de Sinais (focado na toponímia), os processos de formação de sinais e empréstimos linguísticos; e a perspectiva sociocultural da surdez, que entende a nomeação como apropriação identitária. O objetivo é registrar, analisar e dar visibilidade a este patrimônio linguístico-cultural amapaense em Libras.

A relevância deste estudo é linguística, pela contribuição com a descrição de neologismos (criação de sinais) e toponímicos da Libras em manifestações regionais amazônicas; sociocultural, por documentar e valorizar o patrimônio linguístico-cultural imaterial da comunidade surda de Macapá; e acadêmica, pelo ineditismo da abordagem. O foco em um fenômeno espontâneo e localizado preenche uma lacuna na literatura e oferece subsídios para futuras pesquisas em lexicologia, sociolinguística e variação, que permitem dar visibilidade à prática cultural que ocorre em espaços cotidianos de interação.

2 ONOMÁSTICA E TOPÔNIMOS NA LIBRAS

A Onomástica, ramo da Linguística que se dedica ao estudo da origem e dos processos de nomeação dos nomes próprios, oferece uma lente poderosa para a compreensão de como uma comunidade linguística percebe e organiza o mundo. No campo das línguas de sinais, o estudo onomástico, mais especificamente o da Toponímia (nomes de lugares), é um campo fértil e recente, que nos permite investigar como a experiência eminentemente visual dos surdos molda a forma como eles nomeiam e, conseqüentemente, se apropriam do espaço, pois conforme aponta Chaibue (2022) e Sousa (2022), o ato de nomear é inerente a todas as línguas e à organização humana e refletem aspectos culturais e históricos por nascerem sempre de uma necessidade interacional.

Sousa (2022), de modo geral, diz que os sintagmas toponímicos, em línguas orais e na Libras, combinam um termo genérico (como RUA, PRAÇA ou, no caso deste estudo, um BAR) e um termo específico, que individualiza o lugar. Em línguas de modalidade visuo-espacial, os topônimos são, em maioria, motivados e descritivos. Diferente das línguas orais, que são arbitrários ou baseados em uma etimologia histórica (ex: o nome "Macapá"). A criação de um "sinal-nome" resulta de um processo que envolve a seleção de uma característica visualmente saliente. Conforme Sutton-Spence (2021), essa motivação pode se manifestar por meio da iconicidade, em que o sinal busca "desenhar" uma característica física do local (uma fachada, um letreiro, um elemento arquitetônico); da metonímia, que sinaliza um elemento associado ao lugar (o produto vendido, uma pessoa famosa que o frequenta); ou da metáfora. Sousa (2022), baseando-se em Taub (2001), descreve o processo de criação de um sinal icônico em três etapas: a seleção (escolha de uma imagem mental representativa do lugar), a esquematização (simplificação dessa imagem, focado em seus traços mais salientes) e a codificação (a transformação desses traços na forma do sinal com o uso dos parâmetros da Libras).

Ao mesmo tempo, o contato entre a Libras e o Português gera processos de empréstimo linguístico (Rodrigues; Baalbaki, 2014). Como apontam Xavier e Souza (2022) e Sousa (2022), o alfabeto manual é a principal ponte para esses empréstimos, via inicialização ou soletração. Ribeiro et al. (2022) mostram que a motivação de um sinal em Libras pode ser autônoma em relação à motivação do nome em português: um sinal pode ser inicializado (empréstimo) e, ao mesmo tempo, icônico (descrevendo visualmente o lugar). Isso revela a complexa interação entre as duas línguas.

No Brasil, os estudos toponímicos foram impulsionados por Dick (1990), que propôs um modelo taxonômico para classificar os topônimos com base em natureza física (referente a elementos geográficos) e antropocultural (referente à atividade humana). No campo das línguas de sinais, Souza-Júnior (2012), ao analisar a nomeação de lugares em Libras, incluiu a categoria grafotopônimo, para sinais cuja motivação principal é a grafia do nome em português. Conforme destacam Ribeiro et al. (2022), em seus estudos sobre municípios do Pará, a taxonomia grafotopônima é de alta frequência na Libras, muitas vezes coexistindo com outras motivações, como no sinal de Marabá, que é tanto hidrotopônimo (motivado pelo rio) quanto grafotopônimo (utiliza a letra 'M').

Figura 1 – Sinal de Marabá



Fonte: Santiago -Vieira et al. (2018, p. 64)

A motivação na Libras pode seguir dois grandes caminhos que podem se entrelaçar: a influência da língua oral majoritária e a exploração dos recursos visuais da própria língua de sinais. O primeiro é um resultado natural do contato linguístico entre a comunidade surda e a ouvinte, que faz com que ocorra o processo de empréstimos linguísticos (Rodrigues; Baalbaki, 2014), ou seja, a criação de sinais em referência ao nome em português. Isso ocorre, principalmente, via alfabeto manual (Xavier; Souza, 2022) com uso da inicialização (configuração de mão = primeira letra do nome em português) ou soletração rítmica que pode ser lexicalizado (ex.: sinais NUNCA e AZUL). No entanto, Ribeiro *et al.* (2022) demonstraram que, mesmo diante de um empréstimo, os topônimos podem ter motivação autônoma e icônica de percepção visual, como no sinal de Parauapebas que utiliza a letra 'P' para representar as pedras do rio, não a etimologia do português. Evidência da vitalidade da Libras como sistema linguístico independente.

O segundo, talvez o mais representativo da cultura surda, é a motivação icônica. Nesse processo, o sinal baseia-se na percepção visual e na experiência no local. O sinal busca "desenhar" ou evocar uma característica marcante do referente, que pode ser uma

representação física (arquitetura, letreiro, elementos do espaço) ou simbólica ou de uso (ações típicas do local, conceitos associados, como no caso de um “Bar do Poeta”), conforme estudos de Chaibue (2022) e da linguística de línguas de sinais.

3 PARA O NORTE! LIGANDO O GPS (DELINEAMENTO DA PESQUISA)

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, com uma abordagem descritivo-interpretativa, adequada para a investigação de um momento específico e contextualizado, em consonância com os diversos trabalhos sobre toponímia em Libras apresentados por Sousa (2022).

2. 1 Na Mesa De Bar, Onde Aconteceu (A Comunidade Surda de Macapá)

A quantificação da comunidade surda em Macapá é feita por meio de dados censitários e estudos regionais. O Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou que de 398.204 habitantes de Macapá, 944 pessoas declararam "não conseguir ouvir de modo algum", o que representa o dado demográfico mais próximo do núcleo da comunidade surda local (IBGE, 2010), pois os microdados de 2022, o mais recente, ainda não foram divulgados. Portanto, para a caracterização demográfica detalhada da comunidade surda em Macapá, os dados do Censo de 2010 permanecem como a fonte oficial mais precisa e específica disponível.

A comunidade surda de Macapá, inserida em um contexto amazônico de grande diversidade cultural, constitui um grupo linguístico ativo e participativo, estimado em cerca de 4.000 pessoas no estado do Amapá (Campos, 2017, apud Silva, 2023). Apesar de a Libras ser legalmente reconhecida pela Lei Estadual nº 0834/2004, a comunidade enfrenta desafios, como o estigma social, falta de acessibilidade e o desconhecimento da língua pela população.

2. 2 Entre “Corpos” e *Corpus*

O *corpus* da pesquisa é constituído por um recorte de um vídeo de aproximadamente 1 minuto e 47 segundos de duração, coletado em uma plataforma de acesso público (*YouTube*). O vídeo registra uma interação social espontânea no Mercado Central na cidade

de Macapá-AP, envolvendo um grupo de três participantes surdos e um interlocutor ouvinte. O foco da análise recai especificamente sobre o trecho em que os participantes surdos produzem e discutem os sinais-nome (topônimos) de alguns bares da cidade.

Macapá tem uma comunidade surda que, composta por diversas faixas etárias, participa ativamente da vida social da cidade. Um dos principais eixos de sociabilidade, especialmente para os jovens e adultos, são os bares e espaços de lazer: praças, shoppings, bares, shows, festivais e restaurantes não funcionam como espaços segregados, mas sim como pontos de encontro e de integração, onde grupos de amigos surdos e ouvintes interagem e a Libras se torna, naquelas mesas, a língua franca da comunicação.

2.3 Como aconteceu? (Procedimentos de Coleta)

A coleta dos dados foi realizada por meio da netnografia (Kozinets, 2014), que consiste na adaptação de métodos etnográficos para o estudo de interações em ambientes online. Após a seleção do trecho, procedeu-se à transcrição e anotação dos dados utilizando o software ELAN. Seguindo a prática padrão em estudos da área, cada sinal-topônimo foi registrado por meio de glosas e teve sua estrutura formal descrita, contemplando seus cinco parâmetros: Configuração de Mão (CM), Locação (L), Movimento (M), Orientação da Palma (O) e Expressões Não Manuais (ENM), conforme modelo de descrição fonológica também utilizado por Ribeiro et al. (2022).

Figura 2 – Configurações de mão



Fonte: [Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES](http://www.ines.gov.br)

2. 4 Roteiro de Viagem

O roteiro de análise foi inspirado diretamente no modelo metodológico adotado por Ribeiro et. al (2022) e Chaibue (2022), estruturado em duas etapas principais:

(i) Apresentação sistemática de cada sinal-topônimo coletado, detalhando sua estrutura formal (parâmetros), de modo a criar um registro linguístico preciso de cada item lexical.

(ii) Classificação dos topônimos com base em sua motivação semântica. Para tal, será utilizado o modelo taxonômico consolidado nos estudos toponímicos brasileiros por Dick (1990), que classifica os topônimos a partir de naturezas físicas e antropoculturais.


A este modelo, será somada à categoria de grafotopônimo, proposta por Souza-Júnior (2012) e empregada por Ribeiro et. al (2022), para analisar os sinais cuja motivação deriva da grafia do nome em português. Adicionalmente, a análise da iconicidade seguirá o modelo de Taub (2001) (seleção, esquematização, codificação), conforme aplicado por Sousa (2022) em seus estudos, para compreender como a imagem do referente é mapeada na forma do sinal. A análise buscará identificar, para cada sinal, qual(is) categoria(s) se aplica(m), observando a possibilidade de múltiplas motivações.



3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: ABRINDO A CARTOGRAFIA SURDA



A análise do *corpus* de vídeo, que registra uma interação espontânea entre membros da comunidade surda de Macapá, revelou um repertório rico e criativo de sinais-topônimos. A partir da transcrição, foram isolados para este estudo 7 (sete) sinais-nome referentes a bares da cidade. A seguir, apresentamos a descrição e análise de cada um, aplicando o roteiro metodológico e o referencial teórico já delineados ao norte desse trabalho.



Os sinais coletados foram organizados na Tabela - 1. A descrição fonológica detalha os parâmetros do termo específico de cada sinal, enquanto a análise da motivação segue as taxonomias de Dick (1990) e a categoria de grafotopônimo de Souza-Júnior (2012).



Quadro 1 – Descrição e Classificação dos Topônimos Coletados



Bar de Referência	Glosa do Sinal	Descrição do Sinal	Fotos em sequência dos topônimos	Análise Icônica (Modelo de Taub, 2001)	Classificação Taxonômica (Dick, 1990; Souza-Júnior, 2012)
 Arkd Bar	BAR JOGAR-VIDEOGAME	<p>Mão esquerda CM 01 + Mão direita em CM 68.</p> <p>Configuração de Mão (CM): uma das mãos em configuração CM 01 e a mão ativa simulando o ato de segurar um controle e apertar</p> <p>Locação (L): espaço neutro à frente do corpo.</p> <p>Movimento (M): movimento repetido do polegar para cima e para baixo.</p> <p>Orientação da Palma (O): palmas voltada para frente e a outra para dentro</p>		<p>Imagem Mental</p> <p>Selecionada: a ação central e definidora do bar: jogar videogame.</p> <p>Esquematisação: o ato é simplificado nos gestos mais característicos: segurar um controle e mover os polegares nos botões.</p> <p>Codificação: a imagem esquematizada é diretamente mapeada no movimento das mãos e dedos, criando um sinal de alta iconicidade de ação.</p>	<p>Ergotopônimo (o sinal é motivado por um elemento da cultura material – o videogame) e/ou Sociotopônimo (o sinal descreve a principal atividade de lazer e encontro daquele espaço).</p> <p>O sinal é também um grafotopônimo, por ter a configuração de mão em B, fazendo referência ao nome bar.</p>


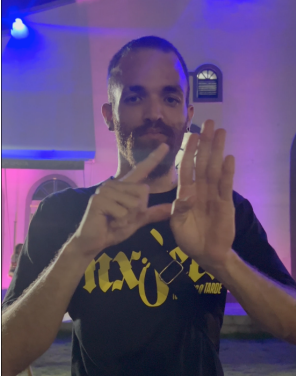
		<p>Expressões Não Manuais (ENM): pode incluir olhar direcionado para baixo e leve inclinação do tronco, mimetizando a postura de um jogador.</p>			
 <p>MACAPÁ-AP BAR DO URSO</p> <p>Bar do Urso</p>	<p>BAR-URSO</p>	<p>Configuração de Mão (CM): mão passiva em CM 01. Mão ativa em CM 42.</p> <p>Locação (L): a mão ativa articula sobre o dorso da mão passiva.</p> <p>Movimento (M): pequeno movimento circular ou de duplo toque da mão ativa sobre a base.</p> <p>Orientação da Palma (O): palma da mão passiva voltada para o lado ou para baixo. Palma da mão ativa voltada para baixo.</p> <p>Expressões Não Manuais (ENM): Neutra.</p>		<p>Imagem Mental Selecionada: o animal "urso", especificamente uma de suas características mais salientes: as orelhas redondas. Esquemáticação: a forma arredondada da orelha é o traço visual escolhido. Codificação: a mão ativa codifica essa forma e a posiciona sobre a mão base (que representa o bar), em um processo de composição de sinais.</p>	<p>Zootopônimo (motivado por um nome de animal) e Metonímico. A análise pode ser aprofundada, considerando que o "urso" é, na verdade, uma referência ao apelido do dono, o que o conecta indiretamente a um Antropotopônimo (nome de pessoa/apelido).</p>

 <p>Bar do Vila</p>	<p>BAR-ARCO-ÍRIS</p>	<p>Configuração de Mão (CM): mão passiva em CM 01. Mão ativa em CM 04 com os dedos abertos e separados.</p> <p>Localção (L): espaço neutro. A mão ativa se move em um arco por cima da mão passiva.</p> <p>Movimento (M): movimento em arco amplo, de um lado para o outro.</p> <p>Orientação da Palma (O): palma da mão passiva voltada para o lado. Palma da mão ativa voltada para baixo.</p> <p>Expressões Manuais (ENM): Não neutra.</p>		<p>Imagem Mental</p> <p>Selecionada: a bandeira do Orgulho LGBTQIAP+, especificamente sua forma icônica de arco-íris.</p> <p>Esquemática: a forma curva e a ideia de múltiplas faixas (representada pelos dedos abertos) são os traços selecionados.</p> <p>Codificação: o movimento em arco da mão em '5' codifica a forma do arco-íris no espaço de sinalização.</p>	<p>Sociotopônimo a motivação principal é a função do bar como um ponto de encontro e espaço de identidade para a comunidade LGBTQIAP+. Também pode ser considerado um Cromotopônimo (referência às cores do arco-íris) e um Ergotopônimo (a bandeira como artefato cultural).</p>
--	----------------------	---	---	--	--

	<p>BAR-ARCO-FLECHA</p>	<p>Configuração de Mão (CM): mão passiva em CM 01 estendido, representando o arco. Mão ativa em CM 52 modificado ou configuração de "pinça" (polegar e dedo médio).</p> <p>Locação (L): espaço neutro, com a mão ativa posicionada junto à mão passiva.</p> <p>Movimento (M): movimento composto: a mão ativa primeiro se retrai (puxa a corda) e depois se projeta para frente com a abertura dos dedos (dispara a flecha).</p> <p>Orientação da Palma (O): palma da mão passiva para o lado. A palma da mão ativa acompanha o movimento.</p> <p>Expressões Não Manuais (ENM): bochechas levemente infladas e olhar</p>		<p>Imagem Mental Selecionada: a ação arquetípica associada à figura do Cupido: atirar uma flecha de amor. Esquemáticação: o ato é simplificado no gesto de usar um arco para disparar uma flecha. Codificação: as mãos cooperam para codificar essa cena: a mão passiva se torna o arco e a mão ativa, a flecha sendo disparada (iconicidade de ação).</p>	<p>Animotopônimo ou Nootopônimo, pois é motivado por uma figura mitológica/espiritual. Também pode ser classificado como Simbólico-Icônico, pois o sinal representa o símbolo que dá nome ao local.</p>
---	------------------------	--	---	---	---

		<p>direcionado que acompanha a "trajetória" da flecha.</p>			
 <p>Bar du Pedro</p>	<p>BAR-ANTIGO</p>	<p>Configuração de Mão (CM): mão passiva em CM 01. Mão ativa em CM 52</p> <p>Locação (L): a mão ativa inicia próxima à mão passiva no espaço neutro e se move em direção ao espaço atrás do ombro.</p> <p>Movimento (M): movimento longo em arco para trás em esfregando os dedos polegar e médio.</p> <p>Orientação da Palma (O): palma da mão ativa voltada para trás.</p> <p>Expressões Não Manuais (ENM): Pode incluir leve inclinação da cabeça para trás.</p>		<p>Imagem Mental Seleccionada: o conceito abstrato de "tempo passado" ou "antiguidade".</p> <p>Esquematização: o tempo é metaforicamente representado como uma linha, onde o que está "para trás" é o passado.</p> <p>Codificação: o movimento da mão para trás do corpo, passando pelo ombro, codifica essa metáfora espacial do tempo (iconicidade conceitual).</p>	<p>Cronotopônimo, pois é motivado por um indicador cronológico ("antigo"). Pode também ser interpretado como um Historiotopônimo, pois se refere à relevância histórica e à longevidade do estabelecimento na cidade.</p>

 <p>Treta Club</p>	<p>BAR-CAVEIRA</p>	<p>Configuração de Mão (CM): mão passiva em CM 01. Mão ativa em CM 15.</p> <p>Locação (L): espaço neutro, próximo à mão passiva.</p> <p>Movimento (M): movimento curto e de apresentação, podendo ter um leve tremor com pulso.</p> <p>Orientação da Palma (O): palma da mão passiva para o lado. Palma da mão ativa para frente ou para o lado.</p> <p>Expressões Não Manuais (ENM): neutra.</p>		<p>Imagem Mental</p> <p>Selecionada: a logomarca do bar, que é uma caveira mexicana.</p> <p>Esquematisação: os traços mais salientes da caveira (formato do crânio, órbitas oculares) são simplificados em uma configuração de mão.</p> <p>Codificação: a mão ativa codifica essa forma esquematizada, criando um sinal icônico que representa um objeto (o logo).</p>	<p>Ergotopônimo, pois é motivado por um elemento da cultura material/visual (a logomarca). Também pode ser considerado um Somatotopônimo, por se referir a uma parte do corpo (caveira/ossos), embora de forma simbólica.</p>
---	--------------------	---	---	--	---

 <p>Moonlight ber</p>	BAR-GATO	<p>Configuração de Mão (CM): mão passiva em CM 01. Mão ativa em CM 33.</p> <p>Locação (L): No espaço sinalizante</p> <p>Movimento (M): movimento curto dos dedos indicador e polegar (pinçar)</p> <p>Orientação da Palma (O): palma das mãos para frente.</p> <p>Expressões Não Manuais (ENM): neutra.</p>		<p>Imagem Mental</p> <p>Selecionada: Da 'lua' em seu sinal inteiro.</p> <p>Esquemática: Puxados da mão passiva.</p> <p>Codificação: a mão ativa codifica essa forma e a posiciona sobre a mão base (que representa o bar), em um processo de composição de sinais.</p>	<p>Astrotopônimo (natureza física), Topônimo formado por Fusão/Mesclagem (processo lexical) e calque (tradução literal do nome "Moon").</p>
--	----------	--	---	--	--

Fonte: Produzido pelo autor
Fonte: https://youtu.be/b_H5tbxDJY

Arkd Bar (@arkdbar) | R. Paraná, 640F - Santa Rita, Macapá - AP, 68901-260

O primeiro topônimo analisado, referente ao Arkd Bar, revela de imediato a lógica cultural que rege a nomeação dos espaços pela comunidade surda de Macapá. O sinal-nome, que pode ser glosado como BAR JOGAR-VIDEOGAME, o sinal apresenta um processo de fusão (ou mesclagem), uma unidade lexical formada pela união de contrapartes: parte do sinal de BAR (configuração de mão base) funde-se com a parte do sinal de JOGAR/VIDEOGAME. Esse processo é análogo a formações na língua portuguesa como 'portunhol' ou 'chafé', em que partes de palavras formam um novo item lexical.

A motivação para este sinal é, portanto, puramente funcional e experiencial. Em vez de se basear no nome oficial, a comunidade surda elegeu a ação que define a identidade do espaço – jogar videogame. Seguindo o modelo de Taub (2001), a imagem mental selecionada é a do ato de jogar, que é esquematizada nos gestos mais característicos (pressionar botões) e, por fim, codificada no movimento das mãos. Do ponto de vista taxonômico, o sinal classifica-se como um ergotopônimo, pois é motivado por um elemento da cultura material (o videogame), e como um sociotopônimo, ao descrever a principal atividade de lazer que define aquele ponto de encontro e um grafotopônimo, por ter a configuração de mão em B, fazendo referência ao nome bar. Esse sinal é um exemplo paradigmático da epistemologia surda em prática: um lugar não é o seu nome, mas o que se faz nele. É a primeira evidência de que a "cartografia surda" de Macapá é um mapa de experiências, e não de etiquetas.

Bar do Urso (@bardoursoap) | R. Odilardo Silva, 2300 - Trem, Macapá - AP, 68900-151

Seguindo a análise, o topônimo referente ao Bar do Urso revela uma estratégia de nomeação distinta. O sinal, glosado como BAR-URSO, é uma mesclagem (por se tratar de uma unidade lexical formada por contrapartes), na qual a mão passiva em 'B' serve como base, enquanto a mão ativa realiza o sinal icônico de uma orelha de urso sobre ela. Linguisticamente, observa-se um processo de fusão, em que o sinal de URSO, comumente articulado na cabeça, tem sua locação deslocada para a mão base do sinal de BAR. A motivação aqui é uma tradução direta do nome em português (Zootopônimo). Embora motivado pelo apelido do proprietário, é necessário considerar se essa motivação é

transparente para todos os usuários ou se o sinal se fixou como referência ao nome do estabelecimento.

A motivação aqui não é a função do local, como no caso anterior, mas sim uma tradução do seu nome em português, configurando-se como um zootopônimo. A análise, contudo, aprofunda-se ao considerarmos o contexto social: o nome "Urso" é uma referência direta ao apelido do proprietário, Ícaro. Portanto, o sinal funciona como uma metonímia, em que o animal representa o apelido e, por sua vez, representa o dono, bem como simboliza o estabelecimento. Essa cadeia de significados conecta o topônimo a uma pessoa, aproximando-o de uma motivação antropotopônima.

Bar do Vila (@bardovilamacapaoficial) | Av. Mendonça Furtado, 586 - Central, Macapá - AP, 68900-060

A análise do topônimo referente ao Bar do Vila introduz uma terceira estratégia de nomeação: a motivação pela identidade sociocultural do espaço. O sinal, glosado como BAR-ARCO-ÍRIS, não remete ao nome "Vila" e foca no que define o local para a comunidade: sua identificação como um espaço de acolhimento para o público LGBTQIAP+. A estrutura do sinal é altamente icônica, com a mão ativa em CM 4 desenhando um arco sobre a mão base em 'B', numa clara alusão à bandeira do movimento desse grupo social.

Esse sinal classifica-se primordialmente como um sociotopônimo, pois sua criação é motivada pela função social do bar: um ponto de encontro e de afirmação identitária para uma comunidade específica. A motivação não reside na função prática (como no Arkd Bar), mas sim na identidade do público que o legitima. Ao escolher o símbolo do arco-íris, a comunidade surda não apenas nomeia o bar, mas também o demarca em seu mapa mental como um território de pertencimento e segurança. Esse topônimo é, portanto, um ato de reconhecimento e validação cultural, evidenciando como a cartografia surda de Macapá é também um mapa de afetos e de espaços políticos.

Cupido Bar (@cupidobar_) | Av. Mendonça Furtado, 576 - Central, Macapá - AP, 68900-060

O sinal, formado também pelo processo de fusão (por se tratar de uma unidade lexical formada por contrapartes) (base BAR + sinal ARCO-FLECHA), apresenta uma motivação mista. Embora o sinal de atirar flecha seja icônico em sua execução, o topônimo funciona como um calque semântico (uma tradução) do nome 'Cupido', uma vez que a identidade visual do estabelecimento (neon de asas) não apresenta literalmente o arco e flecha, sendo este recuperado pelo significado da palavra em português.

O sinal é icônico, mas o topônimo não parece ser iconicamente motivado. Parece se tratar de um calque (uma tradução do nome cupido). Na identidade visual do estabelecimento, por exemplo, não há um arco e flecha, que motive a forma do sinal. O processo segue o modelo de Taub (2001), em que a imagem mental do Cupido atirando sua flecha é selecionada e codificada em um gesto dinâmico. Esse topônimo demonstra a capacidade da Libras de não apenas descrever o mundo físico, mas de traduzir conceitos, narrativas e símbolos culturais em estruturas visuo-espaciais, enriquecendo a cartografia surda de Macapá com uma camada de significados simbólicos.

Bar du Pedro | Av. Antônio Coelho de Carvalho, 38 - Central, Macapá - AP, 68900-015

A análise prossegue com o topônimo referente ao Bar du Pedro, um dos estabelecimentos mais icônicos e antigos de Macapá. O sinal-nome, glosado como BAR-ANTIGO, revela uma motivação pautada na dimensão histórica e temporal. O sinal é um composto que utiliza a mão base em 'B', na qual a mão ativa executa o sinal de ANTIGAMENTE/PASSADO, com um movimento em arco para trás, por cima do ombro. Essa escolha linguística ignora completamente o antropônimo "Pedro", ao enfatizar a característica mais distintiva do bar: sua longevidade.

Figura 03 - Bar du Pedro ao longo do tempo



Fonte: <https://selesnafes.com/2021/08/bar-du-pedro-o-boteco-que-viu-o-crescimento-de-macapa/>

Fonte: <https://www.blogderocha.com.br/bar-du-pedro-o-boteco-mais-antigo-de-macapa/>

Essa percepção da comunidade surda está em perfeita sintonia com a história do local. Conforme relata a reportagem de Nery (2021), o "Bar du Pedro" existe há quase 60 anos, como um negócio familiar que "viu o crescimento de Macapá" a partir de sua localização privilegiada no coração do Mercado Central. A escolha do sinal ANTIGO para nomear o local revela, portanto, que a característica mais saliente para a comunidade não é seu dono, mas sua profunda tradição e permanência.

Do ponto de vista taxonômico, o sinal classifica-se como um cronotopônimo, por se referir a um indicador de tempo ("antigo"), e como um historiotopônimo, ao evocar a importância histórica e a memória coletiva associadas ao estabelecimento. Esse topônimo demonstra um fascinante nível de abstração, na qual a comunidade surda mapeia o lugar não por sua aparência ou função, mas por sua posição na linha do tempo da cidade. A cartografia surda, nesse caso, demonstra uma profunda consciência histórica, ao inscrever o estabelecimento em um mapa afetivo e cultural que transcende o espaço geográfico.

Treta Club (@treta.club) | Avenida Presidente Vargas, 2467, Santa Rita, Macapá, Brazil 68901262

Na análise do topônimo do Treta Club revela uma escolha deliberada pela identidade visual em detrimento da identidade nominal. O sinal, glosado como BAR-CAVEIRA, consiste na combinação do sinal de BAR com a representação de uma caveira, feita com a mão ativa. A motivação para esse sinal é uma referência direta à logomarca do estabelecimento, uma caveira mexicana, que o classifica como um ergotopônimo, motivado por um artefato cultural e de design.

O mais significativo nessa criação lexical é a completa anulação do significado da palavra "treta" em português. Em vez de optar por um calque semântico, como um sinal de BAR-BRIGA, a comunidade surda elegeu a representação icônica do logo como o identificador principal do local. Essa escolha sugere que a identidade visual e a estética do bar são mais salientes para a comunidade do que seu nome provocativo. Considerando que o espaço é também um ponto de encontro para a comunidade cuit, o símbolo da caveira mexicana pode carregar conotações de ressignificação e celebração que dialogam com essa identidade, de forma análoga ao símbolo do arco-íris no Bar do Vila. Esse caso encerra a análise demonstrando que a cartografia surda de Macapá é sensível não apenas à função ou à história, mas também ao *branding* e ao posicionamento cultural dos espaços que ela mapeia.

Moonlight Bar (@moonlight_beer_) | Acelino de Leão, 1313 - Trem, Macapá - AP, 68901-315

Por fim, a análise do topônimo referente ao Moonlight Bar revela um caso de calque linguístico via tradução. Durante a descrição do sinal, foi glosado como BAR-GATO, sob um olhar mais atento à semântica do nome em inglês 'Moonlight' (luz da lua), revela-se como uma fusão da base BAR com o sinal de LUA. O sinalizante executa a configuração de mão em 'L' ou 'C' próximo à base, remetendo ao formato do quarto crescente, uma representação icônica do astro. Dessa forma, a motivação não é uma substituição semântica aleatória, mas uma tradução conceitual do nome estrangeiro para a Libras. Classifica-se, portanto, como um astrotopônimo (Dick, 1990), motivado pelo nome do estabelecimento na língua oral/escrita.

4 DECODIFICANDO OS SÍMBOLOS: A LÓGICA DOS CARTÓGRAFOS SURDOS

A análise dos sete topônimos revela um repertório diversificado de estratégias de nomeação que dialogam diretamente com os modelos teóricos da área. Em vez de um processo único, a comunidade surda de Macapá emprega diferentes lógicas para criar seus sinais, que podem ser agrupadas em três categorias principais de motivação, pautadas nos modelos taxonômicos de Dick (1990) e Souza-Júnior (2012):

1. Motivação pela Identidade Visual e Funcional: A categoria mais produtiva no *corpus* foca naquilo que define o bar em sua dimensão prática, visual ou social. O sinal do **Arkd Bar** (BAR+JOGAR-VIDEOGAME) é um exemplo de motivação pela função, ignorando o nome oficial em favor da atividade principal, caracterizando-se como um ergotopônimo, grafotopônimo e sóciotopônimo. Da mesma forma, os sinais do **Treta Club** (BAR+CAVEIRA) e do **Bar do Vila** (BAR+ARCO-ÍRIS) são motivados pela identidade visual: o primeiro pela logomarca (ergotopônimo) e o segundo pelo símbolo que representa seu público (sociotopônimo). A criação desses sinais segue o processo de iconicidade descrito por Taub (2001), em que uma imagem mental (a ação de jogar, o logo, a bandeira) é selecionada, esquematizada e codificada na forma do sinal.

2. Motivação pelo Conceito do Nome (Tradução Semântica e Calque): Uma segunda estratégia consiste em "traduzir" o conceito do nome em português (ou inglês) para um correlato visual em Libras. É o caso do **Bar do Urso** (BAR+URSO), classificado como zootopônimo, e do **Cupido Bar** (BAR+ARCO-FLECHA), um animotopônimo. Estes sinais funcionam como calques semânticos, demonstrando uma ponte entre o léxico da língua oral e a gramática visual da Libras. Nesta mesma categoria, insere-se o **Moonlight Bar**, cujo sinal apresenta um calque motivado pelo nome "moon" (lua), e não uma referência direta a um animal (gato), configurando uma tradução conceitual.

3. Motivação pela Identidade Histórica: Uma terceira categoria, mais abstrata, emerge da análise do sinal para o **Bar du Pedro** (BAR+ANTIGO). Aqui, a motivação é temporal, evocando a longevidade do estabelecimento. O sinal se enquadra na categoria de cronotopônimo de Dick (1990), por mapear o bar não apenas no espaço geográfico, mas na memória histórica da cidade, conforme corroborado pela reportagem de Nery (2021).

No que tange aos processos de formação, é importante esclarecer que a presença da configuração de mão em "B" nos sinais analisados não configura uma inicialização do nome próprio, nem classifica os sinais como grafotopônimos puros (Souza-Júnior, 2012) como **Arkd Bar** (BAR+JOGAR-VIDEOGAME). A configuração em "B" atua como a base do sinal genérico de BAR, que, por sua vez, passa por um processo de fusão (mesclagem) com elementos específicos (o jogo, o urso, a lua e outros). O achado sugere que, embora a influência do português esteja presente nos calques, a estrutura morfológica predominante é a fusão de contrapartes, gerando unidades lexicais que privilegiam a iconicidade e a experiência visual da comunidade surda.

4. 1 Lendo o mapa em territórios de significado

A análise dos processos de formação dos topônimos em Libras revela muito mais do que simples estratégias linguísticas: ela nos abre uma janela para a forma como a comunidade surda de Macapá percebe, organiza e se apropria do espaço urbano. Os resultados demonstram que, ao nomear os seus locais de sociabilidade, os surdos estão ativamente engajados na construção de uma "cartografia surda" da cidade. Esse mapa, contudo, não é uma mera réplica do mapa oficial, mas sim um mapa de significados, de afetos e de identidades. A clara preferência por motivações icônicas e semânticas, em detrimento de empréstimos diretos da grafia do português, evidencia um processo de nomeação que parte de uma lógica cultural própria.

Os diferentes caminhos motivacionais escolhidos para cada sinal não são aleatórios, mas reflexos de uma epistemologia surda em prática – uma forma de conhecer e organizar o mundo que privilegia a experiência visual, a função social e a memória coletiva. Observa-se que a Configuração de Mão em 'B' (CM01) presente nos topônimos não se trata necessariamente de uma inicialização do nome próprio, mas sim da manutenção da base do sinal genérico de BAR, que serviu de suporte para o processo de fusão (mesclagem) com os elementos específicos.

Figura 04 - Sinalizantes com a mão em CM 01



Bar (raiz) CM 01 (raiz preservada)

Fonte: Produzido pelo autor

Esse ato de nomear em sua própria língua, muitas vezes ignorando o nome em português, configura-se como um sutil, porém poderoso, ato de afirmação e resistência cultural. Consiste em um processo de "surdização" (nomeação que perpassa pela cultura surda) do espaço urbano, na qual a comunidade inscreve sua própria língua, cultura e visão de mundo na paisagem da cidade. A conversa no bar registrada no corpus revela um ato de transmissão e legitimação cultural, em que esse mapa surdo é compartilhado e reforçado entre seus membros.

A toponímia em Libras analisada nesse estudo não é um mero vocabulário, mas um sistema de orientação sociocultural dinâmico e vivo, que demonstra a criatividade linguística da comunidade surda de Macapá e sua capacidade de transformar espaços públicos em territórios de significados, identidade surda e pertencimento. Partindo de um recorte espontâneo da vida social da comunidade surda de Macapá, o artigo investigou a criação de topônimos em Libras, buscando mais do que registrar um léxico, mas também compreender a lógica por trás de sua criação. A análise revelou um repertório diversificado de estratégias de nomeação, por meio das quais a comunidade surda tece uma complexa, e eminentemente cultural, "cartografia surda" da cidade.

5 PONTO DE CHEGADA

Os achados demonstram uma clara preferência por calques, onde são motivados pela grafia dos nomes em português. Foram identificados topônimos que se fundamentam na função do estabelecimento, na identidade de seu proprietário ou público, na simbologia de seu nome, em sua identidade visual e em sua longevidade histórica. Nesta amostra foi observada a ausência de grafotopônimos puros no *corpus*, o que aponta para uma possível particularidade lexical da comunidade macapaense, sugerindo estudos comparativos com outras amostras com topônimos.

O estudo contribui para a lexicologia e a sociolinguística da Libras, ao documentar e analisar neologismos toponímicos em uma variante amazônica pouco explorada. A pesquisa, portanto, compreende a toponímia não apenas como um fenômeno linguístico, mas como um ato de afirmação identitária e do exercício de um direito linguístico fundamental.

Por se tratar de um estudo de caso com um *corpus* limitado, os resultados são indicativos e abrem perspectivas para investigações futuras. Sugere-se a realização de um mapeamento mais amplo e participativo em Macapá, a fim de aprofundar o conhecimento sobre a rica e dinâmica "cartografia surda" do Amapá.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, R. M. R. **Ecos do silêncio**: culturas e trajetórias de surdos em Macapá. 2016. 248 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21870>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- CHAIBUE, K. **Onomástica em Libras de Formosa-GO**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2022.
- DICK, M. V. de P. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/panorama>. Acesso em: 1 out. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: Panorama da cidade de Macapá. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/panorama>. Acesso em: 1 out. 2025.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

NERY, C. Bar du Pedro: o boteco que viu o crescimento de Macapá. SelesNafes.com, 29 ago. 2021. Disponível em: <https://selesnafes.com/2021/08/bar-du-pedro-o-boteco-que-viu-o-crescimento-de-macapa/>. Acesso em: 1 out. 2025.

RIBEIRO, F. A.; MIRANDA, J. F. de; LEAL, M. M. dos P. Topônimos em Libras: um estudo da motivação dos sinais em quatro municípios da região dos Carajás. In: SOUSA, A. M. de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

RODRIGUES, C. H.; BAALBAKI, A. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Domínios de Linguagem**, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2014.

SANTIAGO-VIEIRA, S.; SANTOS, J. M. dos; PEREIRA, A. C. O.; SILVA, J. R. S. da. (Orgs.). **Cidades do Pará em Libras**. Belém, PA: IEPA, 2018.

SILVA, F. F. **Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Doutorado em Linguística, Universidade de Évora, Évora, Portugal, 2023. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/35524>.

SOUSA, A. de M. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUZA JUNIOR, J. E. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em Libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021.

TAUB, S. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

XAVIER, A.; SOUZA, S. O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em libras. **Revista Travessias**, v. 16, n. 2, p. 195-212, 2022.

Aqui tem uma quebra de seção não apagar esta folha (só editor pode mexer daqui para frente)

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: XX de mês de 2026.

Aprovado: XX de mês de 2026.

Publicado: XX de mês de 2026.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como ‘acesso aberto’ quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

Editor

Marcus Garcia de Sene

Publisher

Este artigo foi publicado na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020), a Revista Falange Miúda obteve Qualis B1.

